

Dayane Bollis Rabelo¹

Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal analisar como ocorre o ensino de LIBRAS para bebês surdos na educação infantil. Este estudo emerge de reflexões a partir da dissertação de mestrado de Dayane Bollis Rabelo, intitulada “O bebê surdo na educação infantil: um olhar sobre inclusão e práticas pedagógicas” (2014), que teve como objetivo analisar a inclusão de bebês surdos (um ano) na educação infantil de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) no município de Vitória/ES. Utilizamos como aporte teórico a perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, sob a perspectiva que o sujeito se constitui nas relações sociais, como um ser ativo que transforma e é transformado nessas relações. Nesse contexto, o desenvolvimento implica a relação com o outro e a mediação da linguagem, meio de comunicação e de constituição do pensamento. Assim, no caso dos bebês surdos, destaca-se a LIBRAS como língua privilegiada que deve ser apropriada por eles e ensinada no cotidiano da educação infantil. Como opção metodológica, desenvolvemos um estudo de caso de inspiração etnográfica, com procedimentos de coleta de dados como a observação participante, entrevistas semiestruturadas e análise documental. As análises indicam que a vivência e interação em LIBRAS entre as crianças e a maior parte dos profissionais da escola com os bebês surdos torna-se um desafio, sobressaindo a necessidade de mais profissionais com o conhecimento da LIBRAS para atender às crianças surdas em diferentes espaços no cotidiano da educação infantil, na perspectiva de potencializar o seu desenvolvimento e a constituição de sua identidade. Além disso, ressalta-se a importância da mediação como fator importante para o desenvolvimento da linguagem dos bebês surdos.

Palavras-chave: Inclusão; Ensino de LIBRAS; Bebês surdos.

TECITURAS INICIAIS

A educação de surdos foi marcada por muitos anos pelo movimento de reabilitação ou reeducação, que excluía os surdos do cenário educacional e por muitas vezes do contato com o outro. Atualmente constatamos a configuração de novas perspectivas no contexto educacional, indicando que o modo de ver o surdo e sua educação está sendo questionado e revisitado por novas discussões e tendências teóricas.

Retomando as filosofias de educação de surdos, Lopes (2011) destaca três que influenciaram nos comportamentos desses sujeitos: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo. No século XIX, surge o oralismo na tentativa de que os surdos atingissem um ideal ouvinte. No final do século XIX, com outras visões da educação de surdos, uma ruptura começa a surgir em relação ao oralismo, dando início à comunicação total, um método que não foca apenas a busca da fala, mas valoriza todos os recursos que podem auxiliar na comunicação. Surge no século XX uma nova filosofia para a educação de surdos que ganha destaque até os dias de hoje: o bilinguismo.

¹ Doutoranda em educação na linha de pesquisa: “Diversidade e práticas educacionais inclusivas” da Universidade Federal do Espírito Santo. Professora de educação infantil do município de Vitória.

O bilinguismo considera a aquisição da língua de sinais como de grande importância para o desenvolvimento social, educacional e intelectual do surdo. Este método propõe a aquisição da língua de sinais como primeira língua e o português (no caso do Brasil) como segunda língua (CARMOZINE; NORONHA, 2012).

A realização de uma proposta educacional, com ênfase na educação bilíngue para surdos, requer a garantia da presença da língua de sinais no contexto educacional que, historicamente negou a necessidade dessa forma de linguagem. Assim, a utilização da LIBRAS no caso do Brasil, como primeira língua dos surdos ganha caráter legal com a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a língua brasileira de sinais, que em seu Art. 1º reconhece e LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão (BRASIL, 2002).

A Lei nº 10.436 de 2002 foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, em seu Capítulo IV trata do uso e da difusão da LIBRAS e da língua portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação. No Art. 14º relata que

As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior (BRASIL, 2005).

De acordo com esta proposta, é preciso que o surdo aprenda o mais precocemente a língua de sinais considerada como primeira língua e a portuguesa utilizada como segunda língua para um desenvolvimento satisfatório de linguagem para constituição dos sujeitos.

Para tentar diminuir as barreiras de comunicação existentes na relação surdo-ouvinte, é necessário a presença de um intérprete, tradutor ou professor bilíngue em todo o contexto educacional “o acesso e o contato com essa língua na escola podem favorecer o desenvolvimento e a aquisição de novos conhecimentos de forma ampla e adequada pelo aluno surdo” (LACERDA; BERNADINO, 2009, p. 65).

Assim sendo, a educação de surdos, que por muitos anos foi perpassada por concepções e práticas clínicas, começa a ser olhada a partir de novos referenciais, ao mesmo tempo em que ganha espaço na política nacional com leis que asseguram a inclusão de alunos surdos nas escolas de ensino regular bem como o reconhecimento da língua de sinais como primeira língua do surdo e o seu direito a uma educação bilíngue.

Nesse contexto, o objetivo geral desse trabalho é *analisar o ensino de LIBRAS para bebês surdos na educação infantil em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) do Município de Vitória/ES.*

REFERENCIAL TEÓRICO

Com a necessidade de considerar a escola como um espaço de desenvolvimento das potencialidades dos alunos é que nos baseamos na teoria de Vigotski, visto que este pesquisador considera o ser humano como um sujeito possuidor de história e parte de um processo social, inserido em uma cultura determinada, com suas ferramentas, inventadas e melhoradas no curso da história social. Vigotski diz que o homem se constitui nas relações sociais, é um ser ativo que transforma o contexto em que vive e é transformado por esse contexto. Somos seres biológicos e sociais, e é por meio da sociabilidade que dominamos o ambiente físico e nos humanizamos.

O desenvolvimento cultural do ser humano ocorre de acordo com o contexto social, com o trabalho e as relações dialógicas estabelecidas com outros homens, numa dada cultura. O outro e a linguagem medeiam a relação da criança com o meio físico e social. Nesse

processo, a criança se apropria da cultura em que está inserida e se constitui como membro dessa cultura.

Vigotski destaca o signo como elemento mediador que atua como um meio de ação sobre a própria consciência e é exclusivamente humano. O signo permite o estabelecimento de novas conexões entre as funções mentais e, assim, uma sofisticação da interação social e na comunicação dos sujeitos desse grupo. Para Vigotski (1996)

Todo signo, se tomarmos sua origem real, é um meio de conexão de certas funções psíquicas de caráter social. Transladado por nós mesmos, é o próprio meio de união das funções em nós mesmos, e poderemos demonstrar que sem esse signo o cérebro e suas conexões iniciais não poderiam se transformar nas complexas relações, o que acontece graças à linguagem (p. 114).

No processo de mediação são desenvolvidas as funções psicológicas superiores, especificamente humanas, que estão relacionadas às experiências vividas ao longo da vida pelo indivíduo e relacionam-se com ações intencionais. O planejamento da ação, a linguagem, o pensamento, a memória mediada, a imaginação, a atenção voluntária, dentre outros, são exemplos de funções psicológicas superiores.

Nesse contexto de relações dialógicas e no processo de mediação, Martins (2012) aponta que o bebê, desde seu nascimento, utiliza inúmeras formas de comunicação não verbais, como as expressões faciais, o contato visual e sonoro, entre outros; nesse contexto, o desenvolvimento da linguagem oral, tem seu início na etapa denominada pré-linguística que acontece antes do domínio da linguagem em si. Em relação ao bebê surdo, o ensino das palavras também precisa acontecer, porém com a utilização da LIBRAS e, para tanto, ressalta-se a importância do professor fluente em LIBRAS para mediar esse momento de aprendizado e desenvolvimento da criança.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para atingir as questões que atravessaram nosso estudo, desenvolvemos um estudo de caso de inspiração etnográfica que seguiu uma abordagem qualitativa.

De acordo com Bodgan e Biklen (1994), o estudo de caso é um estudo da particularidade e da complexidade da investigação, que leva a entender o caso dentro de sua singularidade. A etnografia permite a reflexão sobre os aspectos simbólicos e culturais da ação social; o relato da realidade vivida, adequando-se aos aspectos existenciais que se mostram fundamentais na interpretação do modo de funcionamento das organizações, neste caso escolares. Nesse contexto, a escolha de um paradigma investigativo que esteja apropriado à interpretação da ação no contexto apurado e possibilite a penetração na realidade social é fundamental.

De acordo com a metodologia proposta, a coleta de dados foi realizada por meio da observação participante, registro em diário de campo, entrevistas semiestruturadas e a análise de documentos formais que fazem parte do cotidiano escolar.

Assim sendo, nosso estudo ocorreu em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) do Município de Vitória/ES, que conta com uma proposta educacional bilíngue para crianças surdas.

TECENDO DIÁLOGOS A RESPEITO DO ENSINO DE LIBRAS PARA BEBÊS SURDOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE VITÓRIA/ES

O ensino de LIBRAS para bebês surdos no CMEI pesquisado, apesar de estar mais direcionado à professora bilíngue por ser fluente em LIBRAS, acontece durante “toda” a

rotina dos bebês e com a maioria dos profissionais, mesmo os não fluentes na língua, que tentam aprender os sinais para envolver os bebês na rotina escolar.

Para esse ensino, as professoras ainda contam com o auxílio do alfabeto LIBRAS/português, e de atividades/jogos confeccionados em parceria com a equipe bilíngue, como o dominó e as cartas que contêm desenhos diversos junto com os sinais. O direcionamento da educação dos bebês em LIBRAS faz com que eles estejam aprendendo os sinais e seus significados, mantendo uma comunicação, mesmo que ainda com poucas palavras/sinais, porém em sua língua, contribuindo para o desenvolvimento linguístico e social das crianças.

Todavia, os profissionais da escola relatam que o número reduzido de profissionais que são fluentes em LIBRAS prejudica o aprendizado da língua por parte dos bebês e seu desenvolvimento.

Na minha opinião, primeiramente todo mundo deveria saber LIBRAS entendeu? Pelo que eu vejo, é o principal, porque como vai manter um contato com a criança? Às vezes a gente não consegue entender ele e eles também não conseguem entender a gente, então acho que o principal é que todos da sala onde tem uma criança surda deveria saber pelo menos um pouco de LIBRAS (Kamila - AEI).

Possibilitar aos profissionais meios de aprendizagem da LIBRAS é também possibilitar às crianças surdas o seu desenvolvimento, pois o aprendizado da LIBRAS é fundamental para que a criança surda possa interagir com as outras, além de possibilitar o avanço de formas mais elaboradas do pensamento. A língua de sinais não só é um meio de comunicação com o bebê surdo, é uma forma de potencializar o seu desenvolvimento e mediar suas relações com as outras crianças da turma.

A professora bilíngue busca garantir o ensino da LIBRAS em todos os espaços e rotina do contexto da educação infantil, além de auxiliar as professoras regentes na confecção e desenvolvimento das atividades. Além disso, desenvolvem o ensino e uso da LIBRAS de forma integral.

Então eu faço esse trabalho colaborativo, articulado, com o professor de sala de aula. Ele planeja. Como por exemplo hoje é dia do planejamento do professor. Geralmente a gente senta. E eu pergunto: "o que você tá trabalhando? Que atividade você quer trabalhar?" A gente organiza as atividades usando a língua de sinais (Denise - Equipe bilíngue).

O ensino da LIBRAS não é tarefa somente da equipe bilíngue mas também dos profissionais que atuam com os bebês surdos. As professoras e assistentes de educação infantil mesmo não sendo fluentes nessa língua tentam aprender alguns sinais para serem usados no dia-a-dia com os bebês, de acordo com o planejamento/rotina proposta. Assim, além de trabalharem a atividade proposta também disseminam a utilização e o ensino da LIBRAS como parte do processo de desenvolvimento dos bebês.

Os profissionais da turma conversam com as crianças estimulando-as a interagirem por meio da palavra. No caso dos bebês surdos, sempre que eles solicitam alguma ação ou quando participam de atividades, os profissionais, principalmente a professora bilíngue, interagem perguntando em LIBRAS /O QUE QUER?/, /O QUE É ISSO?/, /COMO?/, entre outros, além de incentivarem não só os bebês surdos, mas todas as crianças da sala a participarem de brincadeiras coletivas e do estabelecimento de contato com o outro.

É possível compreender que a vivência linguística desde cedo contribui para o bom desenvolvimento da criança surda, não só no aspecto cognitivo, mas nas relações sociais e

afetivas. Sendo assim, é preciso pensar em um ambiente educacional que não restrinja o acesso à LIBRAS a apenas alguns profissionais.

À GUIA DE “CONCLUSÕES”

Somos convidados a fazer reflexões sobre os diálogos tecidos nesse trabalho. Assim sendo, podemos destacar a necessidade de mais conhecimento da LIBRAS por parte dos profissionais deste centro de educação infantil, para que o trabalho pedagógico e, conseqüentemente, o ensino de LIBRAS ocorra de modo a oportunizar efetivamente uma educação bilíngue de qualidade.

Apesar disso, os profissionais, quando interagem com esses bebês, tentam utilizar alguns sinais de LIBRAS como meio de comunicação, pois, apesar de não serem fluentes na língua, eles tentam aprender os sinais com a professora bilíngue e colocam as crianças em situações de explorar o ambiente, os materiais disponíveis e sua língua.

Entretanto, destacamos que o pouco conhecimento em LIBRAS por parte de alguns profissionais dificultam o processo de ensino e aprendizado da língua de sinais e, conseqüentemente, de desenvolvimento dessas crianças. É preciso pensar em práticas educativas que atendam à especificidade linguística dessas crianças e que a LIBRAS faça parte de todo o cotidiano escolar.

Destacamos, também, o trabalho da equipe bilíngue e o ensino da LIBRAS. Podemos realçar a ação da professora bilíngue que teve seu trabalho direcionado ao ensino da LIBRAS em todos os contextos da educação infantil. É ela quem faz a maioria das mediações entre esses bebês, desenvolvendo a linguagem e a comunicação.

Seu trabalho prevê desenvolver o pensamento e a linguagem desses bebês de maneira “natural” na sala regular bem como a constituição da subjetividade dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Com certeza, a falta de conhecimento linguístico que atenda as particularidades/especificidades dos bebês surdos é uma barreira no processo de aquisição da LIBRAS e no desenvolvimento dos bebês.

É necessário oportunizar às crianças surdas as mesmas condições de aprendizado que é oferecida às outras crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei Nº. 10.436**, de 24 de abril de 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Brasília, 2005.

BOGDAN, R. C.; BIKLLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.

CARMOZINE, M. M; NORONHA, S. C. C. **Surdez e libras: conhecimento em suas mãos**. São Paulo: Hub Editorial, 2012.

LACERDA, C. B. F. de; BERNARDINO, B. M. **O papel do intérprete de língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. In: LODI, A. C. B.; LACERDA, C. B. F. de. (Org.) Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009, p. 65-80.

LOPES, M. C. **Surdez e educação**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011.

MARTINS, L. M. **O ensino e o desenvolvimento da criança de zero a três anos**. In: ACER, A; MARTINS, L. M. Ensinando aos pequenos de zero a três anos. 2.ed. Campinas: Alínea, 2012, p. 93-121.

VYGOTSKI, L. S. **Sobre os Sistemas Psicológicos** (1930). Em: L. S. Vygotski: Teoria e Método em Psicologia. São Paulo: Martin Fontes, 1996, p.103-136.